

O DIA A DIA DA SALA DE AULA NAS ESCOLAS^I

THE CLASSROOM'S EVERY DAY INTO SCHOOLS

Vera Lucia Mazur Benassi^{II}
Esméria de Lourdes Saveli^{III}**Resumo**

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre os rituais e rotinas que acontecem no dia a dia de sala de aula em turmas de 5ª e 8ª séries na disciplina de Língua Portuguesa em 03(três) escolas da rede estadual de ensino do município de Ponta Grossa, Paraná em 2008, e é parte de uma discussão mais ampla realizada na dissertação intitulada “Um olhar sobre as práticas de leitura nas aulas de língua Portuguesa em 5ª e 8ª séries”. A curiosidade em investigar o que acontece no interior da sala de aula é decorrente das inquietações das pesquisadoras diante dos resultados das avaliações oficiais que revelaram o baixo rendimento escolar dos alunos das escolas brasileiras em letramento de leitura e, ainda, do alto índice de evasão escolar, principalmente no Ensino Fundamental, demonstrados pelo Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro (IDEB/2008). A metodologia empregada para a coleta de dados foi a pesquisa qualitativa do tipo etnográfica. Os autores que fundamentaram as discussões sobre as práticas culturais, os rituais e rotinas no cotidiano de sala de aula foram: Heller (1970), Bourdieu e Passeron (1975, 1984, 1992), McLaren (1991), Certeau (1994, 1996), Freire (1996), entre outros. A pesquisa evidenciou que: a) a clientela das escolas é formada por uma diversidade econômica e cultural muito grande; b) as ações discentes e docentes são homogeneizadas e ritualizadas na sala de aula; c) as salas de aula sustentam suas práticas centradas em rituais e rotinas; d) as relações promovidas em sala de aula são provocadoras de competições e de resistências entre professores e alunos; e) professores e alunos lutam entre si, fazendo acordos, negociações na tentativa de cada um, impor a seu modo os seus valores, crenças e hábitos.

Palavras Chave: Cotidiano da sala de aula. Rituais e rotinas.

Abstract

This paper introduces some reflection on the rituals and routines accomplished into classroom's every day in classes of 5th. And 8th. Grades (the first and the last years of the Fundamental School) in the Portuguese Language Subject in three schools of the State Public Teaching in Ponta Grossa City, Paraná State, in 2008, and it is part of a greater discussion accomplished in a dissertation called “A look at the reading practices in Portuguese Language in 5th. And 8th Grades. The curiosity about investigating what happens into the classrooms emerges from the feelings of the researcher regarding to the official evaluating results which reveal the low school content progress relating to the literacy reading and the high level of school evasion, mainly during the Fundamental Teaching level, according to the Brazilian Educational Development Index (IDEB/2008). The methodology used for the data collection was the qualitative ethnographic research. The authors which based upon the discussions about the cultural practices, the rituals and the quotidian routines in the classes were: Heller (1970), Bourdieu e Passeron (1975, 1984, 1992), MacLaren (1991), Certeau (1994, 1996), Freire (1996), and others. The research revealed that: a) the schools clientele is formed by a great economic and cultural diversity; b) the teaching and learning actions are homogenized and ritualized into the classrooms; c) the classrooms sustain practices focused in rituals and routines; d) the relationship promoted into the classrooms motivate competitions and resistance among teachers and students; e) teachers and students struggled one another, compounding agreements and negotiations trying to impose their own values, believes and habits.

Key-words: Quotidian in the classrooms. Rituals and routines.

^I Este trabalho faz parte de uma discussão mais ampla realizada na dissertação intitulada: “Um olhar sobre as práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa em 5ª e 8ª séries”, produzida no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná sob a orientação da professora e doutora Esméria de Lourdes Saveli.

^{II} Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação (UEPG). Professora do Ensino Fundamental e Médio –SEED Pesquisadora das práticas de leitura no contexto escolar.

^{III} Doutora em Educação pela UNICAMP/Campinas, professora adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), atua na graduação e no Mestrado em Educação da UEPG, pesquisadora da área de leitura e de políticas educacionais.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo apresentar uma reflexão sobre os rituais e as rotinas que acontecem no dia a dia de sala de aula em turmas de 5ª e 8ª séries na disciplina de Língua Portuguesa em 03 (três) escolas da rede estadual de ensino do município de Ponta Grossa, Paraná em 2008. A opção por esse nível de ensino se justifica por ser considerada uma etapa decisiva no processo de escolarização.

A curiosidade em investigar o que acontece no interior da sala de aula é decorrente das inquietações das pesquisadoras, diante dos resultados das avaliações oficiais que revelaram o baixo rendimento escolar dos alunos das escolas brasileiras em letramento de leitura e, ainda, do alto índice de evasão escolar, principalmente no Ensino Fundamental, demonstrados pelo Índice de Desenvolvimento Educacional Brasileiro (IDEB/2008). Isso as instigou a buscarem explicações que justificassem tais resultados.

A princípio, tinha-se por alvo observar o espaço e como o professor de Língua Portuguesa encaminha o trabalho com a leitura. Porém, no processo de sucessivas leituras dos dados coletados, por meio de observações diretas registradas em um diário de bordo, o que saltou aos olhos da pesquisadora foram os embates entre professor e aluno e vice-versa no dia a dia de sala de aula. Dessa forma, os rituais e as rotinas podem ser considerados controladores e reguladores das ações dos professores no encaminhamento do processo ensino-aprendizagem. O primeiro aspecto a ser considerado no processo da análise dos dados foi o da organização do material colhido, de forma a obter um *corpus* detalhado e confiável. Em seguida, iniciou-se um trabalho de leituras do material obtido durante as observações. Dessas leituras emergiram unidades de análises que expressam e refletem o que se estudou e se apropriou sobre o tema oferecendo possibilidades de discussão de cunho qualitativo dos conteúdos (SZYMANSKI et al, 2004). Segundo Frigotto (2004, p.83), “as unidades de análise não nascem de uma camisa-de-força, elas são construídas a partir dos dados coletados”.

Do material coletado emergiram as seguintes unidades: a) as rotinas e os rituais como reguladores da ação docente; b) a violência simbólica na sala de aula; c) os rituais de resistência.

Os níveis de aprofundamento das análises se deram a partir da reformulação dos objetivos e da configuração do enfoque teórico proposto no estudo.

A pesquisa de campo fez um total de 288 horas, aproximadamente, um total de 18 (dezoito) semanas de permanência nas escolas.

Para a coleta dos dados, a pesquisa de campo compreendeu 04 (quatro) etapas:

1. Definição do total de escolas – três escolas – e quais (A, B e C) fariam parte da pesquisa;
2. autorização para a pesquisa;
3. escolha dos sujeitos – as turmas de 5ª e 8ª séries e quantas turmas seriam envolvidas na pesquisa. Ficou estabelecido que seriam 4 (quatro) turmas por escola, sendo, uma por série;
4. processo de observação das aulas de Língua Portuguesa nas escolas escolhidas.

Nesta pesquisa voltou-se o olhar para o cotidiano da sala de aula. Assim, focou-se a sala de aula como um ambiente natural onde se processa o trabalho realizado no dia a dia escolar. O ambiente natural, nesse caso, a sala de aula, foi a fonte direta para que se pudesse coletar os dados empíricos. Kosik (1976) afirma que “o homem só conhece a realidade à medida que ele cria a realidade humana e se comporta antes de tudo como ser prático” (p.22).

A opção por investigar a sala de aula teve como fundamento a crença de que os seres humanos existem em ação e devem ser analisados em ação (HELLER, 1970). Assim considerou-se ser essencial conhecer e entender os embates e as contradições, a dinâmica e a diversidade de situações vivenciadas por professores e alunos associados à cultura escolar presente nas salas de aula.

Para isso, foi necessário que se fizesse um mergulho no universo do cotidiano das salas de aula pesquisadas, e se lançasse um olhar, diferente do de professor, para as práticas que permeavam as aulas. Nesses parâmetros foi-se em busca de informações fidedignas para explicar em profundidade o significado e as características do dia a dia de sala de aula.

As concepções teóricas adotadas para a compreensão do objeto desse estudo estão assentadas em autores que discutem o cotidiano escolar. McLaren (1991), Heller (1970), Bourdieu (1975, 1984, 1988), Certeau (1984, 1996) dentre outros.

Para que se pudesse entender e compreender as práticas que se delineiam no cotidiano de sala de aula e como se dão as relações professor e aluno no processo ensino-aprendizagem, optou-se pela pesquisa qualitativa do tipo etnográfica.

Optou-se pela pesquisa qualitativa por considerá-la uma abordagem que facilitaria a descrição da complexidade dos problemas e das hipóteses levantadas. Essa abordagem permitiu uma melhor compreensão dos dados no momento da análise, bem como a interação entre variáveis, a classificação das opiniões e a interpretação das particularidades dos comportamentos dos alunos e dos professores envolvidos na pesquisa.

Considerou-se a observação o meio mais direto de estudar e captar uma ampla variedade de fenômenos e compreendê-los. Isso porque esses comportamentos são características culturais que possuem mais significados do que propriamente os fatos (TRIVIÑOS, 1987).

Os registros das descrições dos fatos observados, dos comentários dos sujeitos e as sínteses dos acontecimentos do cotidiano da sala de aula foram resultados de uma leitura, realizada pelas pesquisadoras, que se aproximam das características dos estudos etnográficos. Isso se justifica pela inserção, pelo envolvimento efetivo das pesquisadoras na dinâmica das relações e interações com o campo e com os sujeitos pesquisados. A qualidade das relações travadas e o envolvimento das pesquisadoras com os sujeitos – alunos e professores –, o mergulho das observações nas atividades realizadas em sala de aula, as observações dos acontecimentos – rituais, costumes, idéias – a reflexão sobre como as aulas foram planejadas sinalizaram que a pesquisa de campo foi qualitativamente produtiva e enriquecedora. Esse procedimento permitiu, portanto, a compreensão do objeto de estudo desta pesquisa.

RITUAIS E ROTINAS NO COTIDIANO ESCOLAR

Para entender a dinâmica social da sala de aula é preciso observá-la, conforme Certeau (1994, 1996), em uma dimensão mais ampla que abranja as estruturas: a) organizacional – que envolve tudo o que acontece no dia a dia da escola; b) pedagógica – envolve situações de ensino e formas de avaliar o ensino e a aprendizagem; c) sociopolítica/cultural – se refere aos determinantes macroestruturais que envolvem

a prática educativa, as forças políticas e sociais, bem como os valores presentes na sociedade.

De acordo com Bourdieu e Passeron (1992), a cultura da escola é resultado das relações sociais de produção. A escola, por meio dos mecanismos de dominação e de poder, realiza um trabalho de inculcação ideológica para formar pessoas que tenham condições de se adaptar à estrutura social e política de forma harmoniosa, pacífica e ajustável. As teorias de reprodução afastam da cultura escolar qualquer possibilidade de mudança ou transformação, ignorando as questões relativas aos conflitos e à conscientização, pregando a continuação e a manutenção do *status quo*. E, por isso, é que Bourdieu e Passeron (1992) afirmam que a cultura escolar é homogeneizada e ritualizada.

Segundo os autores, para garantir a ordem é preciso disciplinar, disciplina-se o tempo, o espaço e o movimento, a fala dos sujeitos e as atitudes. Assim, a criação de rotina vai aos poucos se cristalizando e impregnando os corpos e as mentes dos alunos. Os alunos sabem que devem formar quando o sinal bate, esperar que o professor venha recolhê-los e conduzi-los em fila indiana para a sala de aula, sabem também que a aula tem 50 (cinquenta) minutos e que eles devem permanecer nela durante esse tempo.

As rotinas escolares atuam como meios de controlar as atitudes dos professores e dos alunos em sala de aula. Esse pseudo-controle dos acontecimentos de sala de aula acabam, muitas vezes, se transformando em atos estáveis, uniformes e repetitivos e, isso permite ao professor pensar que tem o controle dos alunos. Em razão disso, o professor lança mão da imposição ao solicitar que todos os alunos façam a atividade proposta por ele. Para garantir que todos o obedeçam, avisa que vai valer nota: “*Copiem a matéria do quadro, porque vai valer nota, e se vocês não fizerem...já sabem o ano que vem nos veremos novamente na 5ª série*”. Essas ordens são controladas pelo professor que sempre ao usar desses mecanismos ameaçadores vai aos poucos fazendo com que os alunos interiorizem que devem copiar, fazer e prestar atenção, senão irão sofrer as consequências provenientes de suas atitudes. Situações dessa natureza foram presenciadas e registradas em diário de bordo pelas pesquisadoras: “*Rapidinho que vai bater o sinal*”; “*Isso vai cair na prova, portanto, copiem*”; “*Terminem de ler o livro porque a prova está próxima*”; “*Já falei fiquem quietos,*

agora não é hora de perguntar é hora de copiar!”. Essas ordens são recorrentes na fala dos professores.

Analisando as falas podemos perceber que essas atitudes aparecem com frequência e retratam os rituais e as rotinas que estão impregnadas no cotidiano da sala de aula, pois fica evidente que as atividades ali desenvolvidas têm espaço e tempo determinado para acontecer. O excerto a seguir serve como ilustrativo para tal comentário: *“Uma vez por semana durante uma aula, em dias alternados, eu trago texto (textoteca) para a sala e lemos com os alunos e comentamos o tema”*. Essa situação evidencia que a sala de aula é o lugar onde os fatos já estão pré-estabelecidos: *“Aqui na escola toda quinta-feira recebemos o jornal, lemos e comentamos alguns assuntos”*. Nesse caso, o professor ao estabelecer uma rotina de leitura acredita que está formando leitores. Todavia, ao ter essa pretensão é fundamental que o professor tenha em mente que para formar leitores não basta, apenas, manter uma rotina em que os alunos têm permissão para irem à biblioteca: *“Na sexta feira eu deixo os alunos irem à biblioteca e emprestar livros”*. O exposto torna visível o que os professores acreditam e consideram importante de ser trabalhado e compartilhado com os alunos, mesmo que esse tipo de atividade não leve à intervenção e à modificação da prática pedagógica.

Um aspecto importante a ser observado é que o estabelecimento de rotinas não varia de uma escola para outra tampouco de uma sala de aula para outra. Quando nos referimos às rotinas que ali acontecem, não estamos querendo dizer que elas são nocivas, pois, da mesma forma que, temos a necessidade de nos alimentar, tomar banho, escovar os dentes, a sala de aula também está impregnada de certas condutas rotineiras que acontecem devido à imposição do sistema. Isto é, dia após dia encontramos os mesmos professores, os mesmos alunos, as mesmas formas de agir tanto dos alunos quanto dos professores, os mesmos níveis de discussão, as mesmas ordens dadas e cumpridas, a mesma oração, o mesmo jeito de formar. Tardif (2002) afirma que todos nós somos rotineiros, não por opção, mas porque somos impostos a essas regularidades práticas da vida. No entanto, há rotinas que precisam ser quebradas e repensadas para que haja crescimento nas ações realizadas.

Diante disso, esta pesquisa aponta para o caráter rotineiro do cotidiano da sala de aula e

para a importância de se observar o seu interior, para então proceder a uma análise compreensiva de como o professor desenvolve o seu trabalho, bem como a receptividade dos alunos e as relações travadas entre ambos.

Tardif (2002) assinala que a sala de aula é o espaço em que as relações humanas e com o conhecimento acontecem e se dão entre sujeitos pensantes, por meio da linguagem e da comunicação. A sala de aula é, pois, um lugar socialmente reconhecido como propício à construção do conhecimento científico. Todavia verificamos nesta pesquisa que no cotidiano escolar não há controle por parte do professor sobre as atitudes e comportamentos dos alunos, uma vez que eles falam e fazem o que querem, e não há respeito entre si tanto da parte do professor quanto do aluno.

Observamos também que os conteúdos são trabalhados de forma aleatória: o professor não organiza o tempo e o espaço da sala de aula com atividades significativas, planejadas para aquele momento. O que percebemos é que não se tem clareza dos objetivos que se pretende alcançar e, dessa forma, o professor perde o controle da situação. Como consequência os alunos não mantêm a atenção nas aulas, não respeitam o momento de falar, de se calar, de fazer as atividades propostas pelo professor.

De acordo com McLaren (1991), as rotinas representam o movimento disciplinar do dia a dia escolar. Essas atitudes estão fortemente marcadas, e aos poucos vão se tornando rituais adquiridos com e na experiência, uma vez que com o passar do tempo as ações manifestas, como – cumprimento de horários, tarefas com pontualidade e rigor, provas entre outros impregnados no cotidiano – se cristalizam e se tornam a representação de comportamentos cultivados ao longo de um tempo e espaço determinado, tornam-se rituais.

Morais (1988, p.91) afirma que “o pedagógico da sala de aula contribui para a formação da força de trabalho, dissemina a ideologia dominante e evita a conjugação entre teoria e prática”. Os rituais presenciados na sala de aula possuem uma dimensão pedagógica, na maioria das vezes, carregados de intenções implícitas que estão relacionadas com as crenças da escola.

Assim, nossa pesquisa revelou que a cultura de sala de aula é descontínua, turva e provocadora de competições entre ideologias e conflitos, nas

quais professores e alunos lutam e interpretam símbolos e significados. Nesse caso, segundo McLaren (1991), o ritual pode ajudar a verificar e compreender como o campo cultural de uma sala de aula funciona na transmissão de mensagens ideológicas.

Olhar a sala de aula pelo prisma do cotidiano permite vislumbrar a dimensão educativa presente no conjunto das relações sociais que ocorrem o seu interior. A pesquisa evidenciou o aparecimento de rituais de resistência que são respostas agressivas às rotinas e aos rituais da sala de aula e das ações do professor. Para esclarecer melhor o exposto, apresentam-se algumas das expressões mais recorrentes nas salas de aulas das escolas pesquisadas: “*Não vô fazê*”; “*Vô ficá aqui mesmo*”; “*Não quero*”; “*Não vô lê*”; “*Não vô copiá e quero vê quem me manda*”; “*Pode chamar o pai, ele não me manda*”.

Os exemplos acima revelam que o papel ativo nem sempre é exercido pelo professor. O aluno não se apresenta como um elemento passivo, um receptor. Ele reage resistindo àquilo que o professor manda fazer. Essa reação mostra sugere que o aluno não está gostando da aula, da atividade, do professor e até mesmo da escola e do sistema ao qual está sendo submetido.

É de se questionar se a escola tem oportunizado aos alunos a simulação de eventos naturais ou imaginários, tanto para aumentar a compreensão de conceitos complexos como para estimular a imaginação. Durante o período em que permanecemos nos colégios, não observamos nenhuma atividade extraclasse ou aulas que envolvessem a participação dos alunos.

O currículo educacional é visto por meio de uma filosofia compartimentada: o conhecimento humano é dividido em classificações estanques (Matemática, Geografia, História, Língua Portuguesa e Literatura, Língua Estrangeira, Biologia, Física, Química entre outras) sem possibilidades de inter-relacionamentos.

A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NA SALA DE AULA

Bourdieu e Passeron (1992) afirmam que é por meio de atos e atitudes significativas e legitimadas que o poder é exercido pelos grupos dominantes em relação aos dominados sem utilização da força física/material.

Para entender essa teoria, é importante que se compreenda o plano da violência simbólica. É

nele que situam-se as atitudes e condutas que, de forma velada e dissimulada implicam em desrespeito, humilhação, sujeição, inculcação ideológica, coação entre pessoas, grupos ou classes. Há gestos, expressões, entonações, atitudes, olhares, hesitações, silêncios, alterações de ritmo, enfim, toda uma comunicação não verbal cuja captação é importante para a compreensão e a validação do discurso transmitido como expressão da verdade. Assim, atitudes, como: “*Quem não prestar atenção vou tirar nota*”; “*Leia!...Eu vou botar você pra fora...*”; “*Gente, a Prova Brasil é tudo em cima de leitura, leitura é fundamental, quem lê tem mais vocabulário e aí não vai ter problema na prova...Por isso, vocês tem que ler*”, marcam uma forte presença da ‘autoridade pedagógica’ e da ‘autoridade da linguagem’ provocada pelas palavras. Tais elementos caracterizam a ‘violência simbólica’ que se manifesta sob a forma de um direito de imposição simbólica.

Esta pesquisa revelou que a ação pedagógica de sala de aula está revestida de violência simbólica, uma vez que impõe e inculca certas significações convencionadas culturalmente como verdadeiras reproduzindo o arbitrário cultural da classe dominante. A autoridade do professor foi substituída por uma tensão presente na ação pedagógica. O professor deixa de exercer o seu poder enquanto autoridade e não mais faz as imposições necessárias para manter o controle da movimentação das ações dos alunos durante a aula. O que presenciamos foi que o professor insistia em uma fala e o aluno em outra, portanto, não havia diálogo entre professor e aluno. Essa ausência de diálogo resulta na violência simbólica, visível em sala. Talvez a falta de autoridade seja decorrente da forma como o conteúdo, o material utilizado e o estabelecimento de normas são conduzidos pelo professor. O que presenciamos é o professor entrando na sala, tomando a palavra, apresentando a lição do dia, mandando os alunos começarem as atividades, e eles não obedecendo. As falas: “*Gente, prestem atenção! Vamos ler o texto...*”; “*Abram o livro na página 23!*”, confirmam o exposto. A linguagem era autoritária e usada apenas para a transmissão de ordem e de conteúdos, não houve interação de outra ordem entre professor e alunos. A escola parece confirmar sua autoridade pedagógica por meio de ações ao impor notas, provas e ao manter a reprovação dos alunos. Isso é observado em situações como: “*Desse jeito você vai reprovar de*

novo F.”; “*Leia, senão você vai reprovar*”; “*Pode mandar bilhete, a minha mãe não vem mesmo!*”; “*Se você não me deixá eu i no banheiro, vô contá prá orientadora*”; “*Se você chamar a atenção do aluno, no outro dia, o pai ou a mãe vem aqui reclamar para o direto e daí você já sabe...*”.

Na sala de aula, a ação e a reflexão pedagógica se dão com base nas relações de poder que se manifestam por meio de forças simbólicas e geram a violência simbólica tanto por parte do professor ora dominante, como do aluno ora dominado (FREIRE, 1996).

Todavia, segundo nossa observação, o professor é exposto a situações em que sua opinião não é levada em consideração “*ele não faz mais as tarefas, os trabalhos!*”; “*Não adianta mandar o aluno pra fora da sala de aula, as pedagogas mandam de volta pra sala e a gente fica com a cara no chão perante os alunos*”; “*Não pode mais reprovar aluno*”.

A violência simbólica em sala de aula é exercida por meio de atos, ações, gestos, atitudes que se observam regularmente. É, portanto, nesse espaço que vão ocorrendo trocas simbólicas, isto é, os alunos que no passado se submetiam a atitudes dominadoras de forma passiva e acriticamente. Atualmente, agem de maneira diferente, reagem e impõem-se perante as ações do professor, que durante séculos, foi cultivado e visto como aquele que detinha o monopólio do saber.

Durante a permanência em campo observamos que os alunos também manifestaram condutas de violência simbólica, discriminando, excluindo, rotulando, desestimulando a ação docente, às vezes de forma consciente, outras de forma inconsciente. Nesse processo, as reclamações mais comuns feitas pelos alunos ao professor eram: “*Ai, como esse texto é chato, professora!*”; “*De novo, ter que lê, fazê texto, vamos fazê outra coisa, prof.^{am}*”; “*Não gosto dessa matéria*”; “*Não to com vontade de fazê as atividades hoje!*”; *Nessa escola só tem gente chata, é sempre a mesma coisa*. Os educadores, em sua maioria, não conseguiam ministrar suas aulas de forma agradável, pois os alunos interferiam constantemente de forma depreciativa em relação ao seu trabalho.

Durante outras observações foi possível observar a não ocorrência de interações informais e afetuosas na maneira de tratar os alunos e vice-versa. Presenciamos a manifestação de uma

linguagem vazia e agressiva. Não observamos diálogo, troca de idéias e debates sobre os assuntos trazidos pelo professor durante as aulas.

Os alunos também interagiam com agressividade, com termos depreciativos ou ridicularizantes sobre as participações dos colegas: “*Ta escrito ali, cabeçuda*”; *Leia, retardado!*”; “*Oh, polaca azeda, fique quieta!*”; “*Professora, vem pegá o baguiô*”; “*Seringueiro é aquele que tira o leite do pau*”; “*Boosta, não consigo fazer*”; “*Eu não vou fazer essa bosta, e nem me olhe...*”; “*Eu não sou palhaça de vocês...*”.

De acordo com Heller (1970), as interações no cotidiano de sala de aula entre professores e alunos, deveriam acontecer a partir de uma relação de confiança. No entanto, percebemos que o cotidiano convida à acomodação, à repressão, ao conformismo, aos rituais e às ações repetidas.

A sala de aula precisa ser vista como um espaço composto por um grupo engajado num projeto comum com o intuito de desenvolver os conhecimentos pessoais no contato com os conhecimentos dos outros. Contudo, nesta pesquisa, a sala de aula pôde ser vista como um lugar em que nem todos trocam idéias, falam, escrevem, lêem e debatem, pois a maioria das aulas é monótona, fragmentada. Ou seja, não apresentam continuidade, interação entre professores e alunos na transmissão do conhecimento, não são atrativas. Alguns dos professores parecem não conseguir “controlar” a turma de alunos e atingir os seus objetivos.

Na observação das aulas, observamos descontrole do professor, nervosismo e agressividade. Em uma situação específica, a proposta didática do professor não pôde ser realizada, pois os alunos não colaboraram. Os enunciados a seguir mostram este fato: “*Eu ia ler com vocês, mas vocês não ficam quietos...*”; “*Eu vou anotar alguns nomes e vou tirar nota, vocês não ficam quietos*”; “*As aulas de Português são péssimas*”; “*Gosto de brincar e fazer bagunça nas aulas*”. Contatamos vários fatores podem ter concorrido para esse ‘mau funcionamento’: carência de recursos materiais e humanos, falta de formação e qualificação dos docentes, origem social e cultural dos alunos, falta de acompanhamento dos pais na vida escolar de seus filhos, falta de adequação dos conteúdos e formas de ensinar ao público que a escola atende, falta de planejamento, falta de domínio dos conteúdos escolares.

Freire (1996, p. 43) afirma que, a prática docente “envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer”. A sala de aula exige do professor certa competência e postura. É o lugar em que se exige dos alunos silêncio, interação, trabalho, alegria, leveza, negociação e construção do conhecimento. No entanto, encontramos falta de ordem e de controle nas aulas, embora maior parte do tempo o professor envie mensagens de vigilância, advertência, punição, intervenção, chamada à ordem, como se vê em: “*G. fique quieto, preste atenção!*”; “*Parem de conversar e trabalhem!*”; “*Parem de reclamar*”; “*Vamos ficar em silêncio para ler*”; “*Não façam comentários!*”; “*Pessoal, eu vou marcar o nome e tirar nota de vocês*”; “*Olhem o comportamento, estou de olho!*”; “*Não grite, preste atenção!*”; “*Como vocês deixam a gente estressado!*”; “*Fica quieto e responde!*”; “*Sem assobios, sente-se!*”; “*Vale nota, faça!*”; “*Se você não fizer vai ficar no final da aula na sala!*”; “*Coloquem a data que eu vou ditar*”,.

A cultura da sala de aula é organizada e regida por diversos grupos com características diferenciadas, como idade, sexo, dificuldades, facilidades, modos de se exprimir, crenças e valores que conduzem à formação de rotinas. Nessa perspectiva, esta ambiente passa a ser um espaço social organizado no qual o professor intervém constantemente para mantê-lo e renová-lo. O aluno traz com ele, quando chega à escola, a diversidade cultural e o professor parece não conseguir dar conta de atender a todos em suas particularidades, incluindo a maneira de aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta investigação de sala de aula, não se limitou a responder questões, muito pelo contrário, ao mergulhar no interior da sala de aula, estivemos em contato com a realidade escolar o que nos levou a compreender melhor como é construído o seu dia a dia.

O estudo mostrou que as escolas possuem uma cultura centrada em rituais e rotinas criadas há muito tempo e que ainda fazem parte do cotidiano da sala de aula. Na maioria das vezes, a cultura imposta é provocadora de competição entre ideologias. Professores e alunos lutam entre si, fazendo acordos e negociações na tentativa de cada um impor a seu modo os seus valores, crenças e hábitos.

Nessa luta pelo poder, nessa guerra de nervos do dia a dia, a escola precisa pensar em como oferecer aulas de qualidade, que sejam mais atrativas e motivadoras, que possam ir ao encontro das necessidades apresentadas pelos alunos.

Partindo dessa perspectiva, é fundamental que as aulas sejam planejadas com atividades menos cansativas, repetitivas, monótonas, fragmentadas, desinteressantes e, com a participação ativa dos alunos. Pois, do mesmo modo que há alunos interessados, comportados, há também desinteressados, bagunceiros e desestimulados que precisam sentir-se incluídos no processo.

Para entender o contexto é importante analisar o indivíduo nas relações que estabelece como sujeito social por meio de suas experiências, sua história de vida, e suas necessidades. Assim, uma análise do contexto de sala de aula é fundamental quando se quer compreender as razões de tanta resistência e tanta agressividade que permeia o interior da sala de aula. Contatamos durante as observações na fala e no comportamento dos pesquisados foi a dificuldade de o professor atuar diante de tanta complexidade e diversidade cultural presente nesse ambiente. Pressupomos que em razão da clientela atendida, pelas escolas pesquisadas, apresentarem um perfil heterogêneo que ameaça a estrutura da sala de aula. As diferenças fazem com que a sala de aula, sem perceber, promova e cultue as injustiças que levam às diferentes formas de exclusão.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A Reprodução**: Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Livraria Francisco Alves Editora AS. Rio de Janeiro, 1975.
- BOURDIEU, P. Algumas propriedades do campo. In BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. Tradução de Jeni Vaistsman, 1984.
- BOURDIEU, P. Campo de poder, campo intelectual e *habitus* de classe. In: BOURDIEU, P. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli, Silvia de Almeida Prado, Sonia Miceli e Wilson campos Vieira. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1992.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Nova edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard. Tradução: Ephraim

Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994. (Original L' invention du quotidien – 1.arts de faire).

CERTEAU, M. de. GIARD Luce e MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: morar, cocinar.** Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlick Orth. Petrópolis: Vozes, 1996. (Original L' invention du quotidien).

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialística histórica na pesquisa educacional.** In FAZENDA, I (Org.) Metodologia da pesquisa educacional. 9.ed. São Paulo:Cortez, 2004.

HELLER, A. **O cotidiano e a história.** São Paulo: Paz e Terra, 1970.

KOSIK, K. **Dialética do concreto.** Trad. Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MCLAREN, P. **Rituais na escola: em direção a uma economia política de símbolos e gestos na educação.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1991.

MORAIS, R. de Org. **Sala de aula: Que espaço é esse?** Campinas, SP: Papirus, 1988.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Técnica da triangulação na coleta de dados.** In: Introdução à pesquisa em Ciências Sociais, São Paulo: Atlas, 1997.

Recebido: 10/05/2009

Aceito: 10/09/2009

Endereço para correspondência: Rua Nilo Peçanha, 813 Bairro: Vila Estrela. Ponta Grossa – Paraná CEP: 84040040. Email: <mazurbenassi@ibest.com.br> - <esaveli@hotmail.com>